



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA
CAMPUS SÃO JOÃO DOS PATOS

IZAUDA RITA DE SOUZA COSTA

**A PERCEPÇÃO DO ENVELHECIMENTO NO CONTO “O ESPELHO” DE
MACHADO DE ASSIS**

SÃO JOÃO DOS PATOS -MA
2025

IZAUDA RITA DE SOUZA COSTA

**A PERCEPÇÃO DO ENVELHECIMENTO NO CONTO “O ESPELHO” DE
MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Licenciatura de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de São João dos Patos como requisito para o grau de licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Andressa de Jesus Araújo Ramos

SÃO JOÃO DOS PATOS - MA
2025

Costa, Izauda Rita de Souza.

A percepção do envelhecimento no conto “o espelho” de Machado de Assis. / Izauda Rita de Souza Costa. – São João dos Patos, MA, 2025.

22 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus São João dos Patos, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Andressa de Jesus Araújo Ramos.

1. Machado de Assis. 2. Percepção. 3. Conto O Espelho. 4. Literatura Brasileira. I.Título.

CDU: 612.67:831.134.3(81)

IZAUDA RITA DE SOUZA COSTA

**A PERCEPÇÃO DO ENVELHECIMENTO NO CONTO “O ESPELHO” DE
MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Licenciatura de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de São João dos Patos como requisito para o grau de licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Andressa de Jesus Araújo Ramos

APROVADO EM: 26/06 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Andressa de Jesus Araújo Ramos

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Andressa de Jesus Araújo Ramos
Universidade Estadual do Maranhão

Janaira Caroline da Silva Rodrigues

Profa. Ma. Janaira Caroline da Silva Rodrigues
Universidade Estadual do Maranhão

Adão Marcelo Lima Freire Alves

Prof. Me. Adão Marcelo Lima Freire Alves
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

SÃO JOÃO DOS PATOS – MA
2025

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão, primeiramente a Deus pela vida e por ter me concedido saúde, sabedoria, força de vontade e por sempre guiar meus passos nos momentos de dificuldades que surgiram no decorrer desta jornada acadêmica.

À minha família por acreditar no meu potencial e na minha capacidade de lutar por meus objetivos, e principalmente aos meus filhos Maria Vitória, Dônisson Lázaro e Dmerson, que são minha inspiração, meu porto seguro e minha motivação para continuar nos momentos difíceis.

Ao meu esposo Demervaldo, por ter me feito tão forte, pois os momentos difíceis serviram de combustível e me ensinou a não desistir dos meus sonhos.

Aos professores que ao longo de minha formação acadêmica, me ajudaram a construir uma visão crítica e reflexiva, me inspirando sempre a buscar o melhor de mim mesma e a perseguir meus sonhos, em especial ao Prof. Me. Abilio Neiva Monteiro, por suas palavras de encorajamento, seus conselhos e sua paixão pelo ensino foram uma grande inspiração para mim.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Andressa de Jesus Araújo Ramos, que me ajudou com suas pontuações, dando o auxílio necessário para a elaboração da minha pesquisa. Enfim, agradeço a todos os meus colegas de turma e amigos, que direta ou indiretamente, me ajudaram de alguma forma a chegar até aqui.

RESUMO: O processo de envelhecimento no conto *O Espelho*, de Machado de Assis, é analisado por meio da complexidade da condição humana presente na narrativa, mediante os conflitos do personagem diante do espelho que surge como uma metáfora da vida, revelando a fragilidade da identidade do ser, a falta de referência para si mesmo, negando sua realidade e se reconhecendo apenas pelo olhar do outro. Com isso, ressaltamos que o olhar social é um fator importante na formação do sujeito idoso, pois a forma como o envelhecimento é percebido e representado socialmente tem um impacto significativo em como o idoso se enxerga, se aceita e se relaciona com o mundo. Os resultados desta pesquisa apontam as diferentes percepções da velhice e do envelhecimento na literatura, pois tais fenômenos variam significativamente entre homens e mulheres, bem como suas próprias experiências na velhice. Sendo que o olhar do outro ao refletir sobre nossa idade e experiências pode moldar a nossa autopercepção e compreensão do envelhecimento. Este estudo tem o objetivo de analisar a representação do envelhecimento e da velhice no conto “O Espelho” de Machado de Assis, explorando como essas questões são abordadas em termos de identidade, reflexão e condição humana. Para alcançar o objetivo da pesquisa propomos os seguintes objetivos específicos: analisar a forma como o envelhecimento é representado no conto e como isso se relaciona com a narrativa; examinar a relação entre envelhecimento e identidade no conto e investigar como a velhice é abordada em termos de reflexão e autoanálise. O referencial teórico deste estudo ampara-se em: Beauvoir (1970), Mota (2012), Mucida (2006), Sant’Anna (2003), Zimmerman (2007), Fiuza (2016), Goldfarb (1998), Matos (2019). Portanto, esta pesquisa consiste em revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa, cuja metodologia consistiu em: revisão de literatura, estudo da temática abordada, leitura do conto *O Espelho* de Machado de Assis e análise literária do conto.

PALAVRAS-CHAVE: envelhecimento; Machado de Assis; percepção; conto *O Espelho*; Literatura Brasileira.

ABSTRACT: The aging process in Machado de Assis's short story *O Espelho (The Mirror)* is examined through the lens of the narrative's exploration of the human condition, particularly as reflected in the protagonist's internal conflict before the mirror, which functions as a metaphor for life. The mirror exposes the fragility of identity, the lack of self-referential grounding, and the denial of one's own reality, as the character comes to recognize himself only through the gaze of the other. In this context, the social gaze emerges as a pivotal element in the construction of the elderly subject's identity, since the way aging is socially perceived and represented plays a decisive role in how older individuals view themselves, come to terms with aging, and interact with the world. The findings of this research highlight the diverse literary representations of old age and aging, revealing how these experiences differ markedly between men and women, as well as across individual trajectories of aging. The gaze of the other—when directed toward one's age and lived experiences—plays a formative role in shaping self-perception and the understanding of aging. This study seeks to analyze the representation of aging and old age in Machado de Assis's short story *O Espelho (The Mirror)*, examining how these themes are articulated through questions of identity, reflection, and the human condition. To achieve this general goal, the study proposes the following specific objectives: to analyze how aging is represented in the short story and how it interacts with the narrative structure; to examine the relationship between aging and identity within the text; and to investigate the portrayal of old age in terms of reflection and self-analysis. The theoretical framework of this study is grounded in the works of Beauvoir (1970), Mota (2012), Mucida (2006), Sant'Anna (2003), Zimmerman (2007), Fiuza (2016), Goldfarb (1998), and Matos (2019). Accordingly, the research adopts a qualitative approach, based on a comprehensive literature review and focused on the examination of relevant themes through a close reading of Machado de Assis's *O Espelho (The Mirror)*, followed by a literary analysis of the short story.

KEYWORDS: Aging; Machado de Assis; Perception; Short Story The Mirror; Brazilian Literatura

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 VELHICE E ENVELHECIMENTO: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL | 8 |
| 3 ENVELHECIMENTO E PERCEPÇÃO DE SI MESMO NO CONTO “O ESPELHO” DE MACHADO DE ASSIS | 13 |
| 4 COSIDERAÇÕES FINAIS | 18 |
| REFERÊNCIAS | 19 |

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população tem sido uma temática muito discutida, pois o aumento da expectativa de vida desafia a sociedade a repensar a velhice através de ações que promovam a valorização, o respeito e a inclusão dos idosos, oferecendo oportunidades para uma vida plena e com dignidade. Atualmente, a visão sobre a velhice tem se deslocado de uma perspectiva puramente biológica, para uma visão mais complexa e diversificada, reconhecendo-a como uma etapa da vida com suas particularidades que envolvem aspectos sociais, culturais e psicológicos. O processo de envelhecimento exige uma abordagem holística, considerando a inter-relação entre os diferentes fatores que cada indivíduo vivencia.

Nesse contexto, o conto *O Espelho* de Machado de Assis, mostra-se uma obra bastante relevante para analisar o processo de envelhecimento e suas representações sociais, buscando compreender como a literatura pode contribuir para uma reflexão sobre a velhice, a partir de uma perspectiva multidimensional ao explorar a complexidade da condição humana, a importância da imagem social e a perda da essência individual.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de investigar de forma mais ampla a capacidade de revelar a complexidade da velhice e do envelhecimento no conto *O Espelho*, de Machado de Assis, explorando como a identidade se molda ao longo da vida sob a influência do olhar do outro. Esta pesquisa, por sua vez, contribui para melhorar a compreensão da experiência da velhice e do envelhecimento, visto que são fenômenos cada vez mais presentes na sociedade devido ao aumento da expectativa de vida, explorando as perspectivas e os valores associados a essa etapa da vida, buscando entender melhor as mudanças que ocorrem no corpo e na mente e como a sociedade constrói e interpreta a velhice, bem como a literatura pode influenciar e refletir o tema do envelhecimento.

Deste modo este artigo tem como objetivo geral analisar a representação do envelhecimento e da velhice no conto “O Espelho” de Machado de Assis, explorando como essas questões são abordadas em termos de identidade, reflexão e condição humana. Para isso, buscamos alcançar os seguintes objetivos específicos: (1) analisar a forma como o envelhecimento é representado no conto e como isso se relaciona com a narrativa; (2) examinar a relação entre envelhecimento e identidade no conto; (3) investigar como a velhice é abordada em termos de reflexão e autoanálise.

O referencial teórico desta pesquisa ampara-se em Beauvoir (1970), Mota (2012), Mucida (2006), Sant’Anna (2003), Zimerman (2007), Fiuza (2016), Goldfarb (1998), Matos (2019). Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, que ocorre a partir da

leitura de materiais como livros, teses e artigos científicos. Além disso, a abordagem é qualitativa, cuja metodologia consiste na revisão de literatura para escolha do tema, separação de materiais para estudo acerca da temática do processo do envelhecimento, leitura do conto *O Espelho* de Machado de Assis e construção da análise.

A estruturação deste artigo apresenta além desta Introdução e das Considerações finais, duas sessões. A primeira, Velhice e Envelhecimento: Uma abordagem conceitual, apresentando vários conceitos de velhice e envelhecimento, com base em alguns estudiosos e teóricos, que abordam a temática de diversas perspectivas diferentes. E por fim, segunda parte, Envelhecimento e percepção de si mesmo no conto *O Espelho* de Machado de Assis, realiza a análise literária do conto *O Espelho*, que aborda o processo do envelhecimento do sujeito de maneira metafórica, revelando como a sociedade contribui para a percepção de si mesmo.

2 VELHICE E ENVELHECIMENTO: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL

Os conceitos de envelhecimento e velhice com base no pensamento de alguns teóricos servem como aporte para entender o processo natural da vida, que se estende por toda a existência humana. Medeiros (2019, p. 475) ressalta que “as questões referentes ao processo de envelhecimento humano têm ganhado destaque, produzindo uma série de debates sobre o tema e trazendo novos desafios aos estudiosos da questão”. O envelhecimento é um processo contínuo, gradual de alterações naturais que se dá por toda vida, do nascimento até a morte. Já a velhice é uma palavra que surge carregada de significados, sendo marcada socialmente por representações que variam ao longo da história entre diferentes culturas, sendo associadas a perdas, declínio e inatividade. Costa e Souza (2014, p. 16), em sua pesquisa “O Processo de Envelhecimento e a Sublimação como Possibilidade de Destino Pulsional”, define:

A velhice é uma consequência da vivência do ser humano, a forma como ela é percebida pelo sujeito faz total diferença para que seja aceita ou não. O envelhecimento é um destino humano, sabemos com a psicanálise, que o encontro com o corpo a partir do espelho, reflete um corpo objetivo revestido de desejos, fantasias, ideais individuais e sociais, ou seja, o que se vê não é o que se sente. O sujeito não se considera como se apresenta, ele se vê idoso, mas não se sente assim, o que o torna apto e capaz de se apresentar como realmente é, porque sabemos que o que envelhece é o corpo, o eu, não envelhece.

Sendo uma consequência natural e inevitável da vida humana, a velhice é percebida individual e socialmente com um impacto significativo, mesmo dependendo da perspectiva de cada sujeito de se reconhecer de forma positiva ou negativa, refletindo sobre a importância e

aceitação da velhice. De acordo com Mucida (2006), “a velhice é encarada de forma individual, pois cada pessoa tem experiências e expectativas distintas sobre o envelhecimento”. É essencial reconhecer que o processo de envelhecer ocorre de forma única para cada pessoa, caracterizado por várias mudanças e influenciado por diversos fatores durante o processo de envelhecimento.

Fontes (2023, p. 11) define que o “envelhecimento é um processo natural, gradual e contínuo, pelo qual passam todos os seres vivos, à medida que envelhecem.” Por sua vez, Schneider *et al* (2008), no artigo “O Envelhecimento na Atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais”, define que:

O envelhecimento é um processo complexo e multifatorial. A variabilidade de cada pessoa (genética e ambiental) acaba impedindo o estabelecimento de parâmetros. Por isso, o uso somente do tempo (idade cronológica) como medida esconde um amplo conjunto de variáveis. A idade em si não determina o envelhecimento, ela é apenas um dos elementos presentes no processo de desenvolvimento, servindo como uma referência da passagem do tempo. (Schneider, 2008, p.592)

Para Pelegrini (2020, p. 10), “o envelhecimento é um processo multifatorial e contínuo que envolve mudanças biológicas, fisiológicas, psicológicas, sociais e comportamentais do ser humano ao longo da vida”. O envelhecimento é um processo que exige uma abordagem integrada e individualizada, visando a promoção de um processo dinâmico, complexo, saudável e ativo do ser humano.

De acordo com Guite Izabela Zimerman em sua obra “Velhice - Aspectos Biopsicossociais”, de (2007, p. 32), destaca que:

É preciso ver o envelhecimento como um processo que vai ocorrendo de forma gradual. Desde que nascemos estamos envelhecendo um pouco a cada dia. Uma pessoa não se torna velha de um dia para outro, assim como não vai dormir criança e acorda adolescente nem o adolescente passa a ser adulto de repente. Tudo é um processo. Se soubermos nos adaptar às mudanças físicas, psíquicas e sociais que vão ocorrendo conosco ao longo da vida, o envelhecimento aos poucos irá se tornando uma realidade. Talvez seja necessário mudar comportamentos, adquirir novos hábitos e criar outra postura. É preciso ter coragem para enfrentar a terceira idade, para superar as perdas, continuar amando e tendo prazeres na vida.

O envelhecimento ocorre de forma gradual e envolve mudanças biológicas, sociais e emocionais que afetam algumas funções do corpo, apresentando sinais de desgaste natural e inevitável, enquanto a percepção da velhice, embora sendo uma construção social, pode ser vivida de diferentes formas, proporcionando autonomia e melhor qualidade de vida ao idoso.

Como se sabe também, a Organização Mundial da Saúde reconhece o envelhecimento da população, porém ressalta a importância de garantir uma vida longa com qualidade, saúde

e participação social, como enfatiza no trecho do Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde, produzido em 2015, em que afirma:

Uma vida mais longa é um recurso incrivelmente valioso. Proporciona a oportunidade de repensar não apenas no que a idade avançada pode ser, mas como todas as nossas vidas podem se desdobrar. Por exemplo, em muitas partes do mundo, o curso da vida é atualmente enquadrado em torno de um conjunto rígido de fases: infância, fase de estudos, um período definido de trabalho e, em seguida, aposentadoria. A partir dessa perspectiva, frequentemente se assume que os anos extras são simplesmente adicionados ao fim da vida e permitem uma aposentadoria mais longa. Entretanto, quanto mais pessoas chegam a idades mais avançadas, há evidências de que muitas estão repensando este enquadramento rígido de suas vidas. Em vez de passar anos extras de outras maneiras, as pessoas estão pensando em talvez estudar mais, em ter uma nova carreira ou buscar uma paixão há muito negligenciada. Além disso, conforme as pessoas mais jovens esperam viver mais tempo, elas também podem realizar planejamentos diferentes, por exemplo, de iniciar suas carreiras mais tarde e passar mais tempo no início da vida para criar uma família (Organização Mundial da Saúde, 2015, p. 5).

Reconhecer as experiências e a sabedoria da velhice é contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, onde os idosos possam manter sua participação na contribuição para uma sociedade mais justa, visto que a velhice deve ser vista como uma fase de oportunidades e valorização da autonomia dos idosos. O envelhecimento masculino é percebido e vivenciado levando em conta a influência de alguns fatores (fumo, álcool) e a trajetória histórica dos homens. De acordo com Nogueira (2014, p. 265), a velhice não tem

[...] um padrão; podemos, assim, falar em velhices, uma vez que os perfis e condições de vida dos idosos assumem diversas faces, impactando diretamente o processo de envelhecimento. É consenso de que o envelhecimento é um processo natural do curso de vida; entretanto, a forma de ver e de viver este envelhecer é diferenciada de acordo com a cultura e momento histórico de cada sociedade.

A percepção da velhice na literatura varia significativamente entre homens e mulheres, refletindo as diferentes experiências sociais e culturais enfrentadas por cada um ao longo da vida. Diante dessa peculiaridade, estudos e dados estatísticos demonstram que as mulheres tendem a ter uma perspectiva de vida superior à dos homens. Belo (2013, p.7) ressalta que “as mulheres idosas são maioria em todas as sociedades envelhecidas”. Essa diferença na expectativa de vida das mulheres está atrelada a diversos fatores biológicos e sociais e uma maior participação em atividades que promovem a saúde. As mulheres se preocupam com a velhice muito antes, elas aproveitam mais quando chegam à terceira idade. Isso porque apesar das mudanças que já foram alcançadas, nossa cultura sempre valorizou as mulheres pela forma física. Por outro lado, os homens veem a velhice com um pouco de vergonha, pois

envelhecer indica mudança de papéis, deixando muitas vezes de ser provedor para ser alguém que necessite de cuidados.

Conforme homens e mulheres vivenciam o envelhecimento e suas estratégias de resistência, é crucial examinar como essas relações moldaram suas experiências, pois os significados atribuídos à velhice são únicos e vivenciados de formas distintas por cada indivíduo no processo de envelhecimento. Motta salienta que:

Na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho(a). [...] Dessa forma, gênero e idade/geração são dimensões fundantes de análise da vida social. Expressam relações básicas, por onde se (entre)tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias. Proposta uma análise da condição social atual de velho, não há como fazê-la sem esse conhecimento sobre os diferenciais de gênero e de classe social que a constituiriam internamente e lhe dariam específicos sentidos (Motta, 1999, p. 207).

Essa assertiva reforça que as representações sobre a velhice variam significativamente entre homens e mulheres de acordo com os papéis sociais atribuídos a eles ao longo da vida. Os homens por sua vez demonstram uma relação negativa com a velhice, pois com a chegada dela, eles parecem perdidos, ocupando espaços que nunca imaginaram. As mulheres têm uma percepção multifacetada, variando desde uma fase de prazer e realização pessoal até a experiência de lidar com a perda e o envelhecimento do corpo.

A velhice vista tanto pelo olhar do outro como pela própria experiência do idoso, busca aceitação de uma vivência complexa e multifacetada. Essa perspectiva reflete a dualidade entre a percepção externa e a interior, em que o olhar do outro pode trazer preconceitos e valores negativos, enquanto o olhar de si mesmo pode envolver reflexões sobre a velhice de forma singular e com diferentes significados.

A forma como a sociedade percebe e representa a velhice pode influenciar na autoimagem do idoso, levando à diminuição da autoestima e à perda do senso de valor. O corpo expõe claramente a velhice, mas o modo como encaramos o processo de envelhecimento diante do outro reflete a minha imagem perante mim, para mim, pois é através da imagem do outro que me reconheço. Essa perspectiva com base no olhar do outro, reflete muito sobre como a sociedade pode nos definir à medida que envelhecemos. Sartre nos faz refletir sobre nós mesmos quando argumenta que:

[...] o olhar é, antes de tudo, um intermediário que remete de mim a mim mesmo.
[...] Imaginemos que, por ciúmes, curiosidade ou vício, eu tenha chegado ao ponto de grudar meu ouvido em uma porta ou olhar pelo buraco de uma fechadura. [...] Significa que, detrás desta porta, uma cena se apresenta como "para ser vista", uma

conversa como "para ser ouvida". [...] minha consciência adere aos meus atos, ela é meus atos, os quais são comandados somente pelos fins a alcançar e os instrumentos a empregar. Minha atitude, por exemplo, não tem qualquer "fora"; é puro processo de relacionamento entre o instrumento (buraco da fechadura) e o fim a alcançar (cena a ser vista) [...] (Sartre, 2007, p. 334).

A capacidade de discernir sua própria condição existencial na velhice, é muitas vezes influenciada pela forma como é visto pelos outros, e pela sua própria experiência de viver em sociedade. Assim, só reconheço de mim o que passa pelo olhar do outro. Tavares e Silva (2019), na obra, “A Velhice e a Exterioridade: o olhar do outro na velhice, uma compreensão existencial”, enfatiza que o homem não é uma entidade isolada, mas um ser em constante relação com o mundo. A nossa identidade é construída a partir da interação com os outros, e a autocompreensão só é possível por meio do reconhecimento e da perspectiva do outro.

Zimmerman (2007, p. 19), traz uma abordagem sobre a imagem do velho pelo olhar do outro, “todos nós, com certeza, temos uma imagem de velho formada a partir de nossa observação, de nossa vivência ou daquilo que nos é passado pela família e pela sociedade”, no entanto, os “velhos” não mudam com a idade, podem ser jovens velhos ou velhos jovens. Sendo assim, a autora aponta:

Velho é aquele que tem diversas idades: a idade do seu corpo, da sua história genética, da sua parte psicológica e da sua ligação com sua sociedade. É a mesma pessoa que sempre foi. Se foi um batalhador, vai continuar batalhando; se foi uma pessoa alegre, vai continuar alegrando; se foi uma pessoa insatisfeita, vai continuar insatisfeita; se foi ranzinza, vai continuar ranzinza (Zimmerman 2007, p. 19).

A autora ressalta a importância do olhar de si mesmo, de se reconhecer na velhice dentro da realidade, da normalidade com suas experiências adquiridas ao longo do tempo. No entanto, à medida que o corpo envelhece contribui para com uma visão associada a estigmas e preconceitos, o que ocasiona limitações e doenças, situações em que “o próprio velho se autodiscrimina, vê-se como um peso morto, que não tem mais função e por isso não precisa mais viver” (Zimmerman, 2007, p. 28).

Considerando o exposto sobre a definição dos conceitos de envelhecimento e velhice, percebe-se que são processos complexos e multifacetados com conceitos distintos. O envelhecimento é um processo natural e contínuo, influenciado por fatores genéricos, estilo de vida e acesso à saúde, enquanto a velhice é uma categoria de construção social, cultural e histórica com significados e percepções diferentes para cada indivíduo, que pode ser definida ainda como uma fase de declínio ou como um período rico em sabedoria e experiências.

3 ENVELHECIMENTO E PERCEPÇÃO DE SI MESMO NO CONTO “O ESPELHO” DE MACHADO DE ASSIS

A temática do envelhecimento no conto “O Espelho”, de Machado de Assis aparece na história de maneira sutil, porém significativa através da reflexão do personagem Jacobina, que defende a ideia que o ser humano tem duas almas. “Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...” (Assis, 1994, p. 2). Por meio da teoria das duas almas, uma alma interior e outra exterior, Machado de Assis explora a ideia de que o envelhecimento e as perdas associadas ao processo de envelhecer podem ser vistos mediante a reflexão da imagem que as pessoas têm de si mesmas e como ela é afetada pelo olhar do outro.

Machado de Assis, no contexto do conto “O Espelho”, explora o processo do envelhecimento como um reflexo da complexidade da condição humana na busca pela aprovação externa, em detrimento da autenticidade interna do ser. De acordo com Zimerman (2007, p. 21), “envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais em cada indivíduo particularmente.” Essas mudanças surgem naturais e gradativamente e podem avançar de acordo com os fatores genéticos e o modo de vida de cada sujeito. Na realidade, o envelhecimento é

[..] um conceito multidimensional que, embora geralmente identificado com a questão cronológica, envolve aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos. Além disso, as características do envelhecimento variam de indivíduo para indivíduo (dentro de determinado grupo social), mesmo que expostos às mesmas variáveis ambientais (Sant’Anna, 2003, p. 12).

Essa afirmação demonstra que o envelhecimento não é apenas um processo biológico, mas também um processo social, psicológico e cultural, que influencia a maneira como cada indivíduo envelhece e como a sociedade interpreta a velhice. Mota (2012) afirma que o envelhecimento é um processo em curso, circulado de ideais, símbolos e marcas da vida. Sendo parte de um processo natural do organismo, cada indivíduo desencadeia um modo de se relacionar e se posicionar com o meio social e consigo mesmo.

Nesse sentido, com um olhar voltado para o envelhecimento enquanto processo Mota (2012) enfatiza que a velhice em todo o seu curso é marcada por uma complexidade ímpar, uma vez que chega até o sujeito primeiramente pelo olhar externo, pelo olhar do outro. Essa percepção externa torna-se essencial para o indivíduo lançar um olhar para si mesmo, pois a forma como somos percebidos passa pelo olhar do outro, em que se evidenciam as marcas das

distinções e toda uma lógica de poderes, os quais acionam hierarquias em que se subscrevem simbolicamente as ideias de juventude e velhice” (Mota, 2012, p. 135).

De acordo com Papaléo Netto (1996 apud Matos, 2019), o envelhecimento tem início na segunda década de vida, com mudanças sutis e inicialmente imperceptíveis, mas que se manifestam de forma mais evidente com alterações funcionais ou estruturais, com conseqüente declínio das funções orgânicas, que ocorre em ritmos diferentes para cada indivíduo. Ferrari (1999, p. 198 apud Matos, 2019, p. 6), enfatiza que:

A velhice não pode ser definida pela simples cronologia e sim pelas condições físicas, funcionais, psicológicas e sociais das pessoas idosas. Há diferentes idades biológicas, subjetivas em indivíduos com a mesma idade cronológica; o que acontece é que o processo de envelhecimento é muito pessoal; ele constitui uma etapa da vida com realidade própria e diferenciada das anteriores, limitada unicamente por condições objetivas externas e subjetivas. Possui certas limitações que com o passar do tempo não se agravando, mas tem potencialidades únicas e distintas: serenidade, experiência, maturidade e perspectiva de vida pessoal e social. Portanto, a velhice é hoje considerada uma fase de desenvolvimento humano e não mais um período de perdas e incapacidades.

A autora destaca a importância de analisar a velhice de forma holística, considerando as diferentes dimensões que a compõem, buscando expressar de maneira concisa e acessível o foco na interação entre os diferentes aspectos: o tempo, as alterações biológicas, as mudanças psicológicas e a posição social. Para Beauvoir (1970/2018), a velhice se manifesta de maneira mais evidente para os demais do que para o próprio indivíduo, o que significa que os conflitos relacionados à velhice podem não ser percebidos, levando em conta as várias formas de atenuar as perdas.

O processo de envelhecimento abordado no conto *O Espelho*, de Machado de Assis, busca explorar a complexidade da condição humana e a passagem do tempo através da metáfora do reflexo no espelho para uma reflexão não apenas da imagem, mas a percepção de si mesmo diante dos outros. Uma maneira significativa de permitir ao indivíduo uma maior compreensão em relação ao sentido da vida e, a partir desse entendimento, ter a capacidade de ressignificar suas experiências enquanto ser humano para a construção de um envelhecimento mais significativo.

O conto *O Espelho*, foi publicado em 1882, no jornal *Gazeta*, logo depois inserido na coletânea *Papeis Avulsos*, que reunia outras narrativas do autor e foi lançado como livro no mesmo ano. Na narrativa *O Espelho*, que traz o subtítulo “Esboço de uma nova teoria da alma humana”, o autor evidencia a fragilidade da identidade humana e revela os conflitos internos do personagem durante o processo de envelhecimento.

No início do conto são apresentados “quatro ou cinco cavalheiros”, que estavam dentro de um ambiente discutindo “questões de altas transcendências”, porém os quatro cavalheiros aparecem como elementos secundários, sendo o quinto cavalheiro, o personagem narrador do conto, que aparece como um “personagem calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação”, (Assis, 1994, p. 1). Sendo assim, o narrador apresenta o personagem, enfatizando que:

Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna (Assis, 1994, p.1).

Jacobina, o quinto personagem do conto de Machado de Assis é apresentado como um homem de meia-idade, que demonstra desinteresse pelas questões filosóficas discutidas pelos demais personagens. Porém ao ser pressionado a dar a sua opinião sobre o assunto em discussão, e os demais saberem que o mesmo “não discutia nunca”, ele ressalta, “se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata” (Assis, 1994, p. 2).

Devido à pressão dos outros companheiros para que ele participasse da reunião, Jacobina começa a narrar uma história de sua juventude, que passa a ser vista como ponto central do conto. Segundo ele, o ser humano possui duas almas, “uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...” (Assis, 1994, p. 2).

A relação entre alma exterior e interior demonstra como o processo de envelhecimento é representado pelo personagem através da perda da “alma exterior”, que reflete a imagem que o indivíduo cria através do olhar do outro. Enquanto a perda da “alma interior”, que é sua essência, pode levar o indivíduo a ter uma crise existencial, pois “quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira” (Assis, 1994, p. 2).

Jacobina justifica sua teoria da existência de “duas almas”, contando-lhes um caso de sua vida: “tinha vinte e cinco anos, era pobre e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional”. Ao ser nomeado alferes, foi motivo de orgulho e contentamento para familiares e amigos, “e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos...”, e a partir daquele momento passou a ser “seu alferes” (Assis, 1994, p. 3).

Durante o momento de idealização e admiração pelo título de alferes, o jovem é convidado por sua tia Marcolina a ir visitá-la no sítio e que “levasse a farda”. O fanatismo exacerbado da tia demonstra uma verdadeira devoção pelo cargo do sobrinho, trocou o “Joãozinho” por “Senhor Alferes”, todos os mimos e devoções eram oferecidos a ele, “jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora” (Assis, 1994, p. 3).

Com essa idealização do título de alferes, entre outros mimos e regalias dedicados a ele, tia Marcolina mandou colocar no quarto, “um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples...” (Assis, 1994, p. 3). Diante de tantas atenções, a alma exterior sobrepôs a interior, operando uma transformação no personagem, marcando uma mudança em relação à identidade, ao título social e ao processo de envelhecimento. No final, já se encontrava seduzido pelo “alferes” e começou a enxergar a si mesmo da forma como era percebido pelos outros e destacou que:

O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispôs-se no ar e no passado (Assis, 1994, p. 3).

O espelho, no primeiro momento, funciona como um objeto que reflete a supervalorização da imagem, evidenciando a aparência e a importância da alma exterior do personagem, construída sob o olhar do outro. A transformação que se deu no personagem eliminou o homem demonstrando que quanto mais a consciência de alferes exercia domínio sobre a alma exterior, mais indiferente ao mundo ele se tornava. Nas palavras do narrador, “As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor” (Assis, 1994, p. 4).

Mas um fato repentino acontece e tia Marcolina se ausenta do sítio para visitar sua filha, que morava longe dali e se encontrava muito enferma. Com isso, deixou o local e os escravos (que fugiram), aos cuidados do sobrinho. Com a ausência dos outros familiares, da tia Marcolina e com a fuga dos escravos, que “compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida” (Assis, 1994, p. 4), o alferes abandonado à própria sorte se vê de frente com uma crise de identidade:

[...] comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. [...] Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico (Assis, 1994, p. 4,5).

Os conflitos que o personagem descreve ao sentir-se sozinho evidenciam a falta de referência para se reconhecer, conferindo uma identidade que se reflete apenas na maneira como é visto pelos outros. Com a passagem do tempo e o afastamento das pessoas que lhe conferia a identidade de alferes, Jacobina, “não olhara uma só vez para o espelho” (Assis, 1994, p. 5), talvez por se sentir perdido e sem um significado próprio, já que havia perdido a sua validação externa.

No entanto, depois de uma semana sozinho, “deu-me na veneta de olhar para o espelho”, a imagem refletida não é mais a mesma que refletia antes, a imagem externa, a figura do alferes, criada a partir do olhar do outro estava desconstruída, “o próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra” (Assis, 1994, p. 5) A angústia de olhar no espelho e não se reconhecer como indivíduo, também ocorre no processo de envelhecimento, nesta mesma linha, Goldfarb (1998), mostra que:

Quando o sujeito que envelhece diz: ‘esse não sou eu’, evidentemente nos diz que o rosto no qual ele poderia se reconhecer tranquilamente não é aquele. [...] tanto o adolescente quanto o sujeito que envelhece sabem perfeitamente que aquela imagem lhes pertence, mas experimentam ante ela uma certa estranheza, um susto, como se a imagem fosse de outro: há uma falta de reconhecimento como imagem, não como sujeito. Não é o rosto que lhes corresponde. Aquele ali, o velho do espelho é outro, não é a representação conhecida por ele como seu próprio rosto; a representação conhecida de sua face ficou perdida, e em alguns casos, como na demência, para sempre (Goldfarb, 1998, p. 35).

As perdas que o sujeito sofre ao longo do tempo por encarar o envelhecimento com uma imagem negativa frente aos espelhos, configuram-se como algo individual e particular de cada um. O susto de não se reconhecer diante do espelho causa uma enorme aflição em Jacobina, que teve medo de “ficar mais tempo, e enlouquecer”, mas ao lembrar-se da farda de alferes, “vesti-a, aprontei-me de todo”, e ao olhar sua imagem no espelho, antes irreconhecível, agora se tornava perfeita, a alma superior, que partira com a tia, retornara sob a imagem refletida no espelho (Assis, 1994, p. 6).

Segundo Fiuza (2016), o olhar externo é quem determina o sujeito. Nesse sentido, nas palavras da autora, “Assim como o protagonista do conto que acredita em duas almas, Lacan dirá que um ego nunca está sozinho, ele comporta sempre um ‘estranho gêmeo’, o Eu-ideal”

(2016, p.878). O eu ideal pode se tornar mais distante da realidade se for influenciado pela maneira como o sujeito envelhece e se relaciona com o mundo. Pois cada pessoa percebe o mundo a partir de seus próprios significantes, e a partir de outros significantes tem sua forma individual de envelhecer. Com base nesse pressuposto, Mucida (2004/2019, p. 40- 41 apud Baldin e Silva, 2023, p. 19-20), ressalta:

Cada um envelhece apenas de seu próprio modo, e não existe uma velhice natural, mesmo que exista um corpo que envelhece e uma pessoa que se torna mais idosa. Esse ‘destino pessoal’ traçado na velhice é completamente singular e cada um inscreverá determinada forma de gozar que lhe é própria. Se a velhice é um destino singular a ser traçado por cada sujeito, ela não pode ser reduzida a idade cronológica e, muito menos, a diminuição de determinadas funções orgânicas.

Como um processo natural e individual de cada sujeito, o envelhecimento é uma experiência que pode ser particularmente intensa, marcado pela inquietude de conflitos para aqueles que tem uma forte ligação com a imagem, reconhecendo-se apenas pelo olhar do outro, negando sua realidade e o encontro consigo mesmo. O confronto com a imagem refletida traz muitas reflexões, “olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro” (Assis, 1994, p. 6) A desconexão que o personagem demonstra com a “alma interior” sugere uma negação do envelhecimento e das mudanças que ocorrem ao longo do tempo, levando a uma percepção distorcida de si mesmo.

Portanto, a complexidade na identidade e no processo de envelhecimento, temas abordados no conto, está relacionada com a dependência do olhar externo. Pois como ressalta, Mucida (2006, p. 27), “o sujeito vê seu envelhecimento, ou seja, sua velhice, pelo olhar do outro ou ele se vê pela imagem que o outro lhe devolve”. O espelho confia ao personagem uma imagem que está atrelada ao olhar do outro, atribuindo uma ilusão à realidade do sujeito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo discutimos como o processo de envelhecimento presente no conto *O Espelho*, de Machado de Assis, é empregado como metáfora da vida. Pois ao longo desta pesquisa exploramos as diversas implicações dessa metáfora para compreensão da condição humana, destacando a importância da reflexão sobre a relação entre o tempo, a identidade e a percepção de si mesmo. Esta pesquisa buscou enfatizar uma compreensão mais profunda da consciência de si, suas fragilidades e a busca incessante por significado,

contribuindo para a desconstrução de preconceitos e a construção de uma vida mais positiva e inclusiva, destacando a diferença entre o processo de envelhecimento, que se dá por toda a vida, e o processo da velhice que é visto como a última fase da vida e muitas vezes ainda é carregada de preconceitos e mitos.

Os objetivos propostos foram alcançados, pois por meio da análise constatamos como o envelhecimento foi utilizado como metáfora por Machado de Assis para refletir sobre a fragilidade e a transitoriedade da existência humana, bem como a complexidade da autoimagem revelada diante do espelho, que surgiu como símbolo de conflito entre a imagem idealizada e as mudanças externas e internas ao longo do tempo.

Destacamos que durante esta pesquisa, foram encontradas algumas dificuldades bem significativas em relação ao acesso de materiais sobre velhice e envelhecimento como metáforas da vida na área de Letras, tendo em vista que é uma temática pouco investigada nos estudos literários. Além disso, as interpretações das metáforas machadianas requerem muita atenção e aprofundamento. Somando a isso existe o fato de que os materiais disponíveis para revisão estão voltados, em sua maior parte, para a área de enfermagem e psicologia.

Devido à falta de materiais bibliográficos adequados para o desenvolvimento desta pesquisa, sugerimos estudos posteriores da temática em foco, reconhecendo a importância da velhice e do envelhecimento como temas relevantes para a área de Letras, explorando a interação entre a linguagem, a literatura e o processo de envelhecimento, considerando a exploração de outras obras de Machado de Assis, sob essa mesma perspectiva. A ampliação do conhecimento sobre a temática em foco neste trabalho terá relevância acadêmica e social, proporcionando uma compreensão mais abrangente sobre novas perspectivas teóricas e metodológicas, que poderão enriquecer ainda mais o entendimento sobre a complexidade da condição humana e contribuir para a promoção da inclusão social dos idosos.

Logo, este estudo além de atingir os objetivos propostos, abre caminhos para novas pesquisas e reflexões sobre a velhice e o envelhecimento na literatura. Considerando que toda pesquisa deixa lacunas, espera-se que os aspectos não abordados nesse trabalho sejam contemplados por outros estudos, capazes de elucidar, por meio do texto literário, a complexidade da condição humana ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.

BAUDIN, T; SILVA, Dósila Machado da. “*O Sujeito da Psicanálise não Envelhece*”, mas o corpo sim: a cura enquanto cuidado. *Envelhecimento Humano e Contemporaneidade: tópicos atuais em pesquisa*. Editora Científica Digital. Vol. X – Ano 2023

BEAUVOIR, S. *A velhice*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970/2018.

BELO, Isolda. *Velhice e mulher: vulnerabilidades e conquistas*. Revista Feminismos. Universidade Federal da Bahia. Vol.1, N. 3 Set- Dez. 2013.

COSTA, M. A.; SOUZA, V. C. C. *O processo de envelhecimento e a sublimação com possibilidade de destino pulsional*. Monografia (Bacharel em Psicologia) – Faculdade de Ciências Exatas e Sociais de Barbacena, Universidade Presidente Antônio Carlos. Barbacena, p. 27. 2014. Disponível em: <https://ri.unipac.br/repositorio/wp-content/uploads/tainacan-items/282/140722/VANDELIANA-CRISTINA-CARLOS-DE-SOUZA-O-PROCESSO-DE-ENVELHECIMENTO-E-A-SUBLIMACAO-COMO-POSSIBILIDADE-DE-DESTINO-PULSIONAL-PSICOLOGIA-2014.pdf>. Acesso em: 04 de maio 2025.

FONTES, Anna. *O que é: conceitos básicos para entender o envelhecimento* / Anna Fontes, Beltrina Côrte. -- 1. ed. -- São Paulo: Portal do Envelhecimento Comunicação, 2023.

FIUZA, Mônica. *Espelho, espelho meu?*. Gragoatá, Niterói, n. 41, p.867-880, 2. Sem. 2016.

GOLDFARB, Delia Catullo. *CORPO, TEMPO E ENVELHECIMENTO*. dissertação de mestrado Defendida no programa de Psicologia Clínica da PUC- SP. Editora do Psicólogo, 1998.

MATOS, Vera Lúcia dos Reis. *O Processo de Envelhecimento. O lugar do idoso na sociedade*. Revista Longeviver, Ano I, n.4, Out/ Nov/ Dez, São Paulo, 2019.

PELEGRINI, Lucas Nogueira de Carvalho. *Temas sobre o envelhecimento- atividades cognitivas para idosos/ organizado por Lucas Pelegrini Nogueira de Carvalho, Areta Dames Cachapuz Novaes, Karina Gramani-Say, Fabiana de Sousa Orlandi, Francine Golghetto Casemiro, Ariene Angelini dos Santos- Orlandi_ São Carlos: RiMa Editora_2020.*

MEDEIROS, Márcia Maria de; COSTA, Paulo Ramsés da; DA SILVA, Luiz Alberto Ruiz. *O Uso da Literatura para a compreensão do envelhecimento humano*. **REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS**, [S. l.], v. 1, n. 21, p. 470–490, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3325>. Acesso em: 23 maio. 2025.

MOTA, M. P. (2012). “*Ao sair do armário encontrei a velhice*”: a homossexualidade masculina e a experiência do envelhecer. PRAIA VERMELHA, Rio de Janeiro/v.22 n°1/ p. 133-144/ Jul-Dez 2012.

MOTTA, Alda Brito da. *Gênero e classe social na análise do envelhecimento*. Tese de Doutorado, Programa de Pós- Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador,1999.

MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece – psicanálise e velhice*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NOGUEIRA, I. R. R.; ALCÂNTARA, A. de O. *Envelhecimento do homem: de qual velhice estamos falando?*. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 263–282, 2014. DOI: 10.23925/2176-901X.2014v17i1p263-282. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/21203>. Acesso em: 05 maio. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE — OMS. *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*. Suíça. 2015. Disponível em: <https://atalho.tjdft.jus.br/XAIBBj>. Acesso em: 12 maio 2025.

SANT'ANNA, R. M. de; CÂMARA, P.; BRAGA, M. G. de C. *Mobilidade na Terceira Idade: como planejar o futuro?* Textos sobre Envelhecimento v.6 n.2, Rio de Janeiro: UNATI, 2003.

SARTRE, J. P. (2007). *O ser e o nada* - Ensaio de ontologia fenomenológica. P. Perdigão, Trad. Petrópolis, RJ: Vozes. (Obra original publicada em 1943).

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. *O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais*. Estudos de Psicologia (Campinas), [S. l.], v. 25, n. 4, 2008. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/7037>. Acesso em: 12 maio. 2025.

TAVARES, L. N., & Silva, L. C. da, (2019). *A velhice e a exterioridade: o olhar do outro na velhice, uma compreensão existencial*. *Revista Kairós-Gerontologia*, 22(1), 405-419. Print ISSN 1516-2567. ISSN e 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

ZIMERMAN, Guite I. *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed, 2007.